



## RESISTIR/EXISTIR NA CONSTRUÇÃO DA ESCRITA FEMININA<sup>√</sup>

 Romair Alves de OLIVEIRA\*

### RESUMO

Este artigo pretende, sob uma nova ótica, discutir o que por muito tempo se abordou sobre a existência de uma escrita feminina mesmo de natureza essencialista e muitas vezes relegadas à margem da autoria masculina, bem como caracterizada por discursos com marcas genuínas de voz de autoria feminina levando-se em conta variações possíveis de análise de uma nova literatura de resistência feminista. Sendo que a produção literária de autoria feminina é um dos lugares possíveis para se traçar uma história do papel desempenhado pelo feminino no contexto social e cultural através dos séculos, no qual a mulher, na medida do possível, se revela através de sua escrita presente nas diversas áreas da sociedade. Ao falar de si, ela, a mulher, escritora, reflete uma condição feminina imposta pelo masculino, não condizente com seus anseios e necessidades e que devem ser mudados, levando em conta o trânsito entre o espaço privado e o público.

Palavras-chave: Escrita. Resistência. Autoria feminina.

### 1 INTRODUÇÃO

Os elementos de sustentação de análise para a compreensão do texto literário não são encontrados, ou melhor, alicerçados somente na teoria da literatura, mas também na história, na sociologia, na psicologia e na filosofia, e esta postura interdisciplinar compreende e considera o feminino como resultado de articulações diversas de um contexto que vai além do texto literário em si. A confluência dessas áreas do conhecimento, voltadas para o contexto psicossocial, possibilitou a retirada da escrita de autoria feminina das margens, da periferia, passando a reconhecer nessa autoria uma literatura com característica própria. E assim, por conseguinte,

<sup>√</sup> Artigo recebido em 28 de abril de 2016 e aprovado em 30 de agosto de 2016.

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente é Professor adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e Pós-doutorando no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: <romairoliveira@gmail.com>.

ultrapassando a barreira do silêncio a que se viu historicamente condenada, a mulher veio, lentamente, se inserindo em diversos caminhos, entre eles o da produção literária, com o objetivo de assumir uma voz própria, sua linguagem, sua escrita e seu discurso indo de encontro à construção de textos oriundos de suas próprias experiências e contextualização do seu universo.

Com esta sucinta explanação, iniciamos nosso trabalho, no qual traçaremos as transformações que envolvem a produção ficcional de autoria feminina e o seu lugar no cenário literário brasileiro, uma vez que esta literatura esteve relegada à margem da literatura de autoria masculina, na qual “a sociedade não reconhecia na mulher outras aptidões a não ser a maternidade e a de senhora do lar” (STEIN, 1984, p. 22).

Iniciemos com as palavras da escritora Lygia Fagundes Telles por apresentar uma visão sobre a escrita de autoria feminina que envolve características culturais e a condição feminina brasileira, perceptíveis no fragmento abaixo:

A literatura feminina tem [...] uma fisionomia própria [...] decorrente da situação da mulher, das suas raízes históricas... a mulher vem tradicionalmente de uma servidão absoluta através do tempo e a mulher brasileira mais do que as mulheres do mundo (TELLES, 1997, p. 57).

As palavras escritora modernista Lygia Fagundes Telles caracterizam de certa forma, uma escrita de autoria feminina de um Brasil oitocentista, no qual as mulheres brasileiras não possuíam direitos autônomos. Aliás, quase direito algum, principalmente no que tange à educação escolarizada e ao trânsito, pelo espaço público, predominantemente masculino.

A escrita de autoria feminina, dificilmente, poderia ser diferente do seu meio e do seu público leitor, essencialmente femininos. Daí a característica do tom confessional dado pela maioria das escritoras oitocentistas, tendo como referência seu cotidiano, seu meio (privado), seus anseios, suas queixas, sua realidade verossímil, ou seja, uma **escrita de si**, de mulher, sobre mulher e para mulher. A mulher buscava, através de escritos como diários, cartas, crônicas e até receituários, uma forma de revelar sua postura e condição na sociedade na qual estava inserida.

É através destes primeiros textos que a mulher procurava se definir como: mulher/ser mulher, ou seja, a própria representação da mulher e o papel por ela desempenhado na sociedade da época, dando visibilidade a estes *estados* que

estão intrinsecamente ligados ao padrão masculinizante que regia os preceitos sociais do século XIX.

## 2 CONSTRUÇÃO DA ESCRITA DE AUTORIA FEMININA BRASILEIRA

Devido à pobreza da educação feminina, até o início do século XX, os textos femininos eram vistos como exceção; tinham como público leitor mulheres e alguns homens ligados, a maioria das vezes, à crítica social e não especificamente literária, uma vez que a teoria literária tem seu apogeu no século XX.

Neste caso, para a crítica, a literatura de autoria feminina era analisada entre a dicotomia homem/mulher, não levando em conta o seu grau de literariedade. Sabemos que esta afirmação pode ser perigosa, se pensarmos que os textos de mulheres escritoras no século XIX são em geral muito fracos devido à pobreza social e educacional da mulher brasileira.

A literatura de autoria feminina no Brasil oitocentista, acoplada à condição de subalternidade da mulher brasileira e ao desprestígio de sua escrita, ficou por muito tempo esquecida, dificultando seu resgate documental e o seu devido lugar no contexto histórico-literário de nossas letras. Porém a discussão em torno da problemática que envolve a escrita feminina foi, aos poucos, sendo delineada por noções e estudos que fazem uma revisão de ideias estabelecidas, enraizadas no contexto literário, o qual não deu o devido valor às obras de autoria feminina. Contudo as obras ficcionais femininas, embora marcadas, no século XIX, pelo espaço privado, podem ser consideradas como um início de vários questionamentos que põem em xeque as **verdades** dadas pela visão centrada no poder patriarcal e, conseqüentemente, nas produções literárias de autoria masculina.

As produções de autoria masculina vêm acompanhadas de um conflito que define a mulher como musa inspiradora e centro da narrativa. Por outro lado, promovem um afastamento da mulher do fazer literário e, evidentemente, de outras ocupações reservadas exclusivamente ao homem. A ausência da mulher como sujeito na história corresponde a sua presença exuberante como imagem mítica nas representações de gênero nos textos.

Todavia a literatura de autoria feminina no século XIX vem retratar não a questão de nação, mas a condição vivenciada pela mulher naquele século, condição essa diferenciada em relação a outros países, principalmente europeus. Devido ao contexto histórico brasileiro de resquícios coloniais, a mulher brasileira não acompanhou as transformações sociais e culturais, especificamente no âmbito educacional.

A problemática que envolve a questão educacional e a condição da maioria das mulheres brasileiras é explicitada assim, por Telles, ao dizer que:

a mulher vem tradicionalmente de uma servidão absoluta através do tempo e a mulher brasileira mais do que as outras mulheres do mundo... Quando as mulheres do mundo já se comunicavam, através, por exemplo, das cartas, as correspondências das mulheres de salões, a mulher brasileira estava fechada em casa, vivendo a vida das senhoras das fazendas, da senhora da casa grande... Viviam aprisionadas. Não sabiam ler, não sabiam nem sequer escrever, não sabiam coisa nenhuma. Elas viviam numa servidão mais terrível do que as mulheres de outros países, inclusive da Europa (TELLES, 1997. p. 57).

Telles retrata, assim, historicamente, a condição da mulher brasileira, e não a sua escrita, reforçando a questão da educação feminina precária no período oitocentista brasileiro. Embora sua observação seja válida quanto à apresentação da condição da maioria das mulheres, ela não reflete o diferencial feminino do século XIX, uma vez que havia textos de autoria feminina, de mulheres, a maioria branca, escolarizada e elitizada.

As mulheres escritoras imitavam, primeiramente, a escrita masculina e reproduziam, em seus escritos, o seu meio social. Não poderia ser diferente, principalmente, por causa da educação que lhes era ministrada e porque não eram estimuladas à cultura letrada. Uma das razões deste não reconhecimento é que a temática da literatura de autoria feminina estava, em princípio, relacionada aos problemas domésticos ou íntimos. Essa falta de envolvimento com questões **importantes**, como, a política, história e economia, fez com que a escrita feminina apresentasse pouca relevância no cenário literário da época.

Dentre as várias leituras de obras de autoria feminina e masculina, percebe-se uma enorme diferença entre os textos de escrita feminina e masculina. Nota-se que, geralmente, os prefácios masculinos são cultos, estáveis e elegantes,

independentemente do estilo, da qualidade ou, ainda, das opiniões defendidas. Nos prefácios femininos, manifestam-se o peso da culpa, o receio de ser rejeitada ou de ser ignorada, compondo um estranho jogo dissimulativo do qual procedem sentimentos recônditos que caracterizam uma modéstia meio forjada e, muitas vezes, exagerada.

Ao discorrer sobre a existência de uma voz de autoridade feminina, Nelly Novaes Coelho contempla o que apresentamos anteriormente, sem levar em conta, hoje de menor importância, a *querelle* da escrita feminina, ao afirmar que a base de toda diferenciação na criação artística reside na crença simplista e errônea da diferença de ordem biológica que determina a formação do homem e da mulher. Diz ela:

A primeira, sendo de estrutura forte, criativa e agressiva, evidentemente construiria uma arte idêntica à sua natureza viril; enquanto a segunda, sendo sensível, frágil, psicologicamente sutil, afetiva, ingênua, etc., criaria uma arte também delicada e frágil [...]. Não é possível pensarmos em criação artística ou literária em sua verdade maior sem pensarmos na cultura em que ela está imersa. É através desta perspectiva que, sem dúvida, podemos falar em uma literatura feminina e em uma literatura masculina, pois as coordenadas do sistema sociocultural ainda vigente estabelecem profundas diferenças entre o ser-homem e o ser-mulher (COELHO, 1993, p. 14-15).

Podemos entender que, para Coelho, a questão da escrita é de ordem cultural e está na condição masculina ou feminina estabelecida pela sociedade patriarcal. Sabe-se que existe, ainda, uma linha crítica que rejeita essa divisão entre produção masculina e feminina sob a afirmação de que escrita não tem sexo. Todavia, é inegável identificar que, através dos séculos, o panorama literário tradicional remete a uma relação de desigualdade entre homens e mulheres.

O prefácio de **Úrsula** (2004), considerado o primeiro romance de autoria feminina no Brasil, da maranhense Maria Firmina dos Reis, corrobora a nossa explanação e o exposto na fala de Nelly Novaes: Reis diz que **Úrsula** é “um livro mesquinho e humilde, pobre avezinha silvestre, sem formosura, sem enfeites e com incertos e titubeantes passos” (REIS, 2004, p. 14).

Ao comparar sua obra com os escritos masculinos, Reis estabelece um jogo discursivo, estrategicamente intencional, que envolve ironia e rancor misturados a sentimentos de impossibilidade e de certeza do caráter efêmero da obra. Este jogo

de palavras, sensível em oposição ao forte, jogo polissêmico está contemplado, também, nos aspectos da fala de Coelho.

Em se tratando de mulheres escritoras, particularmente daquelas da segunda metade do século XIX, podemos perceber, por meio de seus escritos, o surgimento de uma consciência crítica sobre si e, conseqüentemente, sobre a situação feminina, que tende a revelar e desvelar esta condição no âmbito social e cultural em que estão inseridas.

Transitando em espaços restritos, a mulher escritora oitocentista reproduz o que já foi dito pela pena dos escritores, mas com um toque de intimidade vivida, da forma como relata Paixão:

[...] essa esfera intimista será representada principalmente pelos salões, onde circulam, embaladas pelas récitas musicais, a confissão, o segredo, o cochicho, contrastando com uma sociedade que se desenvolve no espaço da rua, nos cafés. Enquanto o homem absorve a realidade através do que vê, nas **largas avenidas**, a mulher lê na atmosfera intimista da casa uma outra, fictícia, que a torna alheia, reproduzindo apenas o que já foi dito e apresentado por outros (1987, p. 12, grifo nosso).

Historicamente, a literatura feminina começa a aparecer nos salões literários, voltada para o espaço dos pequenos grupos sociais, onde as mulheres declamavam poesias. Assim, a inserção feminina dá seus primeiros passos para ultrapassar o espaço privado, através de uma escrita de cunho intimista, confessional e de auto-referência, características estas já mencionadas por Lygia Fagundes Telles.

Para corroborar as ideias aqui expostas, consideremos o texto **Ânsia Eterna** (1903), de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), que traz marcas da consciência que caracteriza esta mulher escritora. Ao falar de si, através de sua narrativa, Almeida leva ao espaço público sua angústia criativa e dá visibilidade à condição da escritora no final do século XIX. Situação esta, estrategicamente, exposta no seguinte excerto:

Por isto: o que não quero é escrever meramente; não penso em deliciar o leitor escorrendo-lhe n'alma o mel do sentimento, nem em dar-lhe comoções de espanto e de imprevisto. Pouco me importo de florir a frase, fazê-la cantante ou rude, recortá-la a buril ou golpeá-la a machado; o que quero é achar um engaste novo onde encrave as minhas ideias, seguras e claras como diamantes: o que quero é criar todo meu livro, pensamento e forma, fazê-lo fora desta arte de escrever já tão banalizada, onde me embaraço com raiva de não saber nada de melhor. [...] Quero escrever um livro novo, arrancado do meu sangue e do meu sonho, vivo, palpitante, com

todos os retalhos de céu e de inferno que sinto dentro de mim; livro rebelde sem adulações, digno de um homem (ALMEIDA, 1903, p. 1-2).

O texto de Júlia Lopes mostra uma insatisfação pessoal com a própria escrita, visto que ele possui marcas de autocrítica que têm um ideal de escrita espelhado em textos masculinos, o que caracteriza um reconhecimento da autoria feminina que tem como referência do “bem escrever” a escritura de punho masculino.

Para que se compreenda o texto ficcional feminino, há que se deter em sua particularidade, em sua existência, independentemente de outros textos, de outros discursos, já que, segundo Roberto Corrêa dos Santos,

Não há esse outro texto a que se possa atribuir o regime de estabilidade formal, definitivo como tendência, certo percurso, a favorecer a leitura daquele que é tido por singular, diferenciativo, marginal (1991, p. 51).

Pode-se entender que é, na construção própria da forma, no seu conflito com outras estruturas e forças já existentes, que se dá o texto de autoria feminina. Mas as mulheres escritoras, embora tivessem consciência de sua situação naquele cenário literário, raramente alcançavam uma autodefinição, visto que a elas eram negadas a autonomia e a subjetividade, necessidades exigidas pelo modelo de criação literária vigente no século XIX.

Os escritos de mulher, para alcançarem um *status* literário, tinham de se adequar ao cânone firmado por preceitos masculinos. De modo velado, é nesse lugar que a autoria feminina emerge e aos poucos começa a se constituir por meio de tons confessionais. Mais uma vez, encontramos em Júlia Lopes de Almeida indícios de um fazer literário que caracteriza uma ficção em que a mulher passa a se representar:

Sou uma boneca de carne e osso; não sou mais nada. A minha dependência é o motivo da felicidade que todos celebram ao redor de mim, como se fora favor dar um marido à sua mulher, casa, mesa e vestuário... A minha pena é pensar estas coisas e não saber dizê-las, para fazê-lo compreender a minha alma. [...]

Quando me debruço sobre o ombro de meu marido para seguir-lhe a leitura, percebo no gesto suave com que ele afasta o livro dos meus olhos, esta significação:

-Tu não entendes disto... vai-te embora...

Eu retorno o meu lugar, um tanto envergonhada da ousadia, e ele segue sozinho nestas altas regiões do espírito, que me são vedadas. [...] Meu marido quer, meu marido não quer, e acabou-se! Entretanto, as nossas opiniões são desencontradas; mas, pela minha submissão, concordamos infalivelmente! Ele nem dá pelo sacrifício [...] É que o sacrifício da mulher é



mudo, tanto quanto o do marido é barulhento. Fardo... boneca de carne... em resumo: parece que não me tomam por outra coisa [...] (ALMEIDA, 1922, p. 24-28).

Este trecho, extraído da obra **Elles e Ellas** (1922), autoriza-nos a dizer que não se trata apenas de indícios de escrita feminina, mas marca efetivamente uma escritura de autoria feminina. Mulher que diz acerca da sua situação de aprisionamento, de dependência, de submissão, voltada para os afazeres do lar; uma voz que se vê impedida de seguir as **altas regiões do espírito**; mulher que se encontra humilhada, pois sente seu espaço tomado e suas vontades desautorizadas.

As normas estabelecidas pelo patriarcado se diferenciam para os dois sexos e legalizam os valores masculinos, assegurando aos homens poder pelo qual delineavam o destino da mulher. Mesmo aceitas, tais normas são questionadas nos textos de autoria feminina, como demonstrado na sequência:

Por que não o hei de enganar do mesmo modo? Em consciência, não há homens nem mulheres: há seres com iguais direitos naturais, mesmas fraquezas e iguais responsabilidades...

Mas não há meio dos homens admitirem semelhantes verdades. Eles teceram a sociedade com malhas de dois tamanhos – grandes para eles, para que seus pecados e faltas saiam e entrem sem deixar sinais; e extremamente miudinhas para nós (ALMEIDA, 1922, p. 137).

Assim, nota-se que a produção literária de autoria feminina é um dos lugares possíveis para se traçar uma história do papel desempenhado pelo feminino no contexto social e cultural através dos séculos, no qual a mulher, na medida do possível, se revela através de sua escrita.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ensaios de Virgínia Woolf, nos anos 20 do século próximo passado, são considerados um marco acerca da discussão sobre a produção de autoria feminina. Os ensaios de Woolf tentam responder às críticas formuladas acerca da qualidade dos textos escritos por mulheres.

Segundo Woolf, a escrita artística precisa de liberdade e de condições materiais para se realizar. As dificuldades foram enfrentadas pela maioria das



escritoras que estavam começando a trilhar o caminho formal do trabalho literário, e tinham sua escrita cerceada por um imaginário construído sobre o feminino que gerava expectativas baseadas em valores patriarcais, limitadores da recepção de sua escrita.

As considerações de Virgínia Woolf, apesar de muito criticada posteriormente pelas feministas, já representavam certo avanço sobre as discussões acerca do aspecto não-fixado dos papéis sexuais. A obra **Um teto todo seu** traz contribuições para a discussão, levando-se em conta o seu contexto, as primeiras décadas do século XX.

Woolf procura metaforizar a condição feminina, criando a personagem Judith, irmã de Shakespeare. Deste modo, mostra que o talento criador não é característica essencialmente masculina, mas que, na maioria das vezes, os instrumentos necessários para desenvolvê-lo é que o são.

Outra escritora imprescindível ao estudo da autoria feminina, no século XX, é Simone de Beauvoir. Suas idéias são de importância fundamental na história do feminismo e, embora muitas delas tenham sido colocadas em dúvida pelas pesquisas feministas, vão além da representação feminina na literatura:

O mito da mulher desempenha um papel considerável na Literatura; mas que importância tem na vida quotidiana? Em que medida afeta os costumes e as condutas individuais? Para responder a essas perguntas seria necessário determinar as relações que mantém com a realidade (BEAUVOIR, 1980, p. 299).

No livro **O segundo Sexo** (1949), obra basilar para se pensar a condição feminina branca ocidental, Beauvoir analisou a condição feminina e não só fez o levantamento empírico-histórico da situação da mulher como, também, forneceu explicações filosóficas para o mesmo fenômeno.

Nesta linha, historicamente falando, o século XIX é considerado o século da mulher leitora. No Brasil, a narrativa romanesca, primeiramente em folhetim, se tornou uma alternativa de leitura de entretenimento, principalmente para o público feminino. Com o acesso à escola e o surgimento do romance, em 1844, a mulher brasileira passa a ler, a refletir e, por vezes, a questionar a situação de domesticidade, o seu papel de prestadora de serviços à família e a sua exclusão social.

Portanto, a mulher brasileira de classe média e escolarizada passa, a partir da segunda metade do século XIX, a participar da produção literária, propondo, em alguns casos, uma reformulação da estabilidade social, e a induzir as modificações na conduta do indivíduo, principalmente das mulheres, e em sua concepção do mundo:

Minhas boas amigas, donas e donzelas [...] Nesta noite, uma das últimas do fim do ano, que de lembranças suaves me esvoaçam pelo espírito! [...] Crede, esta carta é um desabafo [...] Nestas horas vertiginosas e perturbadoras reconheço todos os meus sonhos e desejos antigos, roçando por mim as suas asas, com tanto arrojo abertas e tão cedo enfraquecidas... Mas isso que vos importas?  
Valerá a pena pensar no tempo que passou, bem ou mal?  
O ano que parte de nossa vida discorreu, acaba?  
Deixai-o acabar! O outro que vier terá as mesmas quatro estações; o sol inflamará a terra no verão, o vento fará cair as folhas no outono, as neves caracterizarão o inverno, e as boninas esmaltarão os campos na primavera...  
Assim como o tempo, fuseo ou luminoso, os homens serão maus ou serão bons e a vida fará seu giro imperturbável, desfazendo e criando entre declínios e triunfos.  
Para o mundo será assim, mas para nós, queridas? (ALMEIDA, 1906, p. 8-10).

Percebe-se, no fragmento do prefácio da obra, **livro das Donas e Donzelas** (1906), de Júlia Lopes, uma série de indagações às suas leitoras. Primeiramente, expõe seu estado de espírito e, logo a seguir, indaga pelo tempo transcorrido em vão, e fecha o prefácio fazendo uma pergunta crucial de consciência crítica sobre a condição feminina de sua época.

Ao falar de si, ela, a mulher escritora, reflete uma condição feminina imposta pelo masculino, não condizente com os seus anseios e necessidades, e que deve ser mudada, levando em conta, principalmente, seu trânsito entre o espaço privado (lar) e as **largas avenidas** do espaço público. Assim, como já dissemos anteriormente, as mulheres, através de sua escrita, expõem sua realidade, seu meio e suas perspectivas, indagações, e recriam sua própria condição social e cultural em seu texto literário.

## RESIST/EXIST ON MAKING FEMINIST WRITING

### ABSTRACT

This article intends, upon a new view, to debate what for a long time has been approached about the existence of a feminist writing even been of essentialist way and also pretermited about the masculine authorship, as well as characterized by speeches with genuine spots of feminist authorship voice, taking into account possible variations related to the analyze of a new feminist resistance literature. The literacy production of female authorship is one of the possible places in order to trace the history of the interpreted role by social and cultural feminist context throughout centuries, in which woman, in a possible way, reveals herself with her writings shown at different fields of the society. When talking about herself, the woman, the writer, thinks over her condition commanded by men which it does not have to do with her aspiration and necessities and may be changed, taking into account the space between private and public conditions.

Keywords: Writing. Resistance. Feminist authorship.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Ancia eterna**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903.

\_\_\_\_\_. **Livro das donas e donzelas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906.

\_\_\_\_\_. **Eles e elas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Vol.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. **Introdução à re-edição de Correio da Roça**. In: Julia Lopes de Almeida, *Correio da Roça*. Rio de Janeiro: INL / Presença, 1987. p. 9-17.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Discurso feminino, corpo, arte gestual, as margens recentes*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 5, n. 104, p. 49-64, 1991.

STEIN, Ingrid. **Figuras femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

TELLES, Lygia Fagundes. A mulher escritora e o feminismo no Brasil. In: SHARPE, Peggy (Org.). **Entre resistir e identificar-se**: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Círculo do livro: 1994.